



DUCAÇÃO E LEITURA

DESAFIOS E
CRIATIVIDADE

MARLY AMARILHA
(ORGANIZADORA)



DUCAÇÃO E LEITURA

DESAFIOS E
CRIATIVIDADE

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação e leitura : desafios e criatividade / Marly Amarilha (organizadora). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016. – (*Coleção Leituras no Brasil*)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-458-8

1. Criatividade 2. Educação – Brasil 3. Leitura 4. Prática de ensino 5. Sala de aula – Direção I. Amarilha, Marly. II. Série.

16-09142

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Criatividade no contexto educacional :
Educação e leitura 370

apoio institucional:

PPGED/Universidade Federal do Rio Grande do Norte

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Marly Amarilha</i>	
capítulo 1	
DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL	15
<i>Denise de Souza Fleith</i>	
capítulo 2	
OS CAMINHOS DA POESIA NA ESCOLA: SOM, IMAGEM, PENSAMENTO	25
<i>Marly Amarilha e Alessandra Cardozo de Freitas</i>	
capítulo 3	
ÉTICA E CRIATIVIDADE: AS DIMENSÕES DO PLÁGIO	55
<i>Maria Alzira de Almeida Pimenta</i>	
capítulo 4	
A FRAUDE ACADÊMICA: FATORES E IMPACTOS	81
<i>Ivo Domingues</i>	

capítulo 5	
EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE: REPENSANDO O PAPEL DOS MEDIADORES DA LEITURA.	101
<i>Maria da Conceição Carvalho</i>	
capítulo 6	
O DESCOBRIR POR SI: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS PARA A APRENDIZAGEM TRANSMÍDIA EM SALA DE AULA	113
<i>Maria das Graças Pinto Coelho e Patrícia Gallo</i>	
capítulo 7	
LEITURA E NEUROCIÊNCIAS	137
<i>Angela Chuvas Naschold e Antonio Pereira Júnior</i>	
capítulo 8	
EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE	159
<i>César Quintão Fróes</i>	
capítulo 9	
EDUCAÇÃO PÓS-AUSCHWITZ: A NEGATIVIDADE (IN)SUPERÁVEL DA FORMAÇÃO?	171
<i>Amarildo Luiz Trevisan, André de Oliveira Fagundes e Eliana Regina Fritzen Pedroso</i>	
capítulo 10	
DIANA, BERNARD, IVAN E ANIKA: LEITURA EM QUATRO TEMPOS	191
<i>Alexandre Lopes</i>	
AUTORAS E AUTORES	201

APRESENTAÇÃO

*[é] através da percepção criativa,
mais do que qualquer outra coisa,
que o indivíduo sente
que a vida é digna de ser vivida.
Winnicott*

Inventei um menino levado da breca para me ser.
Manoel de Barros

Este volume objetiva evidenciar a importância da criatividade como potência humana a ser explorada em suas múltiplas dimensões para realizarmos em plenitude nossos projetos educacionais e de vida. Assolados que somos cotidianamente por inúmeras solicitações, estamos cada vez mais sendo “criativos”, mas não necessariamente eficientes. Em época romântica, disseminou-se a concepção de que criatividade era privilégio de poucos, era um dom de nascimento. Mas, a história revela outra perspectiva. São criativos indivíduos e grupos extremamente empenhados em seus trabalhos, em seus projetos, perseverantes no enfrentamento dos desafios e, sobretudo, inconformados com soluções aligeiradas, do senso comum.

Assim, ao colocarmos em evidência a temática “desafios e criatividade”, nesta coletânea, entendemos que o permanente embate no cotidiano das práticas em Educação está pleno de desafios que, por sua vez, provocam estimulantes atitudes criativas.

Ora acreditamos que gestores preparados farão as mudanças profundas de que nossa educação precisa. Ora investimos recursos em projetos que visam superar lacunas no modelo que implantamos nos sistemas. Ora pensamos ser a qualificação do professor o aspecto a ser mais valorizado. Embates, desafios, problemas não nos faltam; e em igual dimensão e diversidade somos convocados a exercer nossa capacidade de criar, de recriar caminhos, atitudes, ideias para nos superarmos e superar os limites das condições que se nos apresentam. Inventar caminhos é também uma forma de criarmos nossa identidade e sustentarmos nossa dignidade de educadores, como enunciam nossas epígrafes. Estamos mesmo, inventando caminhos, colaborando com nossos jovens para que sejam criativos?

Se, de um lado, ambicionamos uma educação em sintonia com os tempos atuais, de igual maneira nos perguntamos sobre valores que precisam permanecer: a conquista da autonomia de pensamento, o domínio das habilidades de ler, escrever, argumentar para darmos sustentação ao projeto mais ambicioso de formarmos novas gerações de jovens capazes de lidar com a diversidade, o local e o global; jovens com a devida empatia para experimentar a alteridade sem perder sua história quando face aos problemas que enfrentarão.

Nesta coletânea, convidamos a todos os participantes (professores, pesquisadores) comprometidos com o desenvolvimento deste país a colocarem suas ideias, suas reflexões, seus encaminhamentos e suas críticas a serviço de uma educação que busca criar seus próprios caminhos para os constantes desafios que surgem ou que se anunciam.

Como sabemos, é preciso cultivar os “grupos criativos” para que mantenham em contínuo processo de elaboração os projetos que desejamos realizar. A proposta deste livro, Educação e Leitura: desafios e criatividade, é a de que, ao explorarmos laços de interesses pelo tema tendo como nó a educação e a leitura, estejamos também estabelecendo um forte sentimento de pertencimento que nos coloque em estado de permanente estudo, companheirismo e

criticidade para reinventarmos a educação, quaisquer que sejam os entraves emergentes.

Nesse quadro de referências, abre a coletânea o artigo da professora Denise Fleith, da Universidade de Brasília, que destaca o ambiente social como responsável para estimular as atitudes criativas diante de situações que desafiam o senso comum. Ao contrário da visão inatista sobre a criatividade, o texto afirma que é preciso explorar diferentes fontes de informações, experiências para que a criatividade seja desenvolvida. Nessa lógica, cabe-nos perguntar: está nosso modelo educacional promovendo a criatividade de nossos jovens? Estamos preparados para acolher as atitudes criativas, as perguntas desconcertantes que abrem caminhos para outras formas de pensar? Como pensamos resolver nossos problemas sem cultivarmos a criatividade? O artigo da Professora Fleith sinaliza sobre aspectos fecundos para a discussão dessa problemática.

No artigo que escrevo em parceria com a Professora Alessandra Cardozo de Freitas, apresentamos resultados de pesquisa sobre a leitura de poesia no ensino fundamental. Acompanhamos uma turma de estudantes ao longo de dois anos escolares, quando realizavam o 4º e 5º ano. Recorremos à andaimagem como procedimento metodológico nas sessões de leitura e ao fórum eletrônico como veículo do registro da recepção dos sujeitos à literatura. Desse estudo, destacamos o envolvimento e protagonismo dos sujeitos ao lerem poemas de Marina Colasanti, Gloria Kirinus e Fernando Vilela. O compromisso com a leitura e o desenvolvimento na percepção da linguagem poética em sua dimensão incomum, mas interdependente da língua do cotidiano, mostram que a criatividade se manifestou no convívio com a leitura de literatura na escola.

Criatividade é também uma questão de ética. Esse é um dos pontos assinalados pelo capítulo de autoria da Professora Maria Alzira de Almeida Pimenta. Nele, está em pauta o plágio, que se dissemina de maneira avassaladora no mercado da produção intelectual. Fazendo uma retrospectiva histórica, a autora mostra a variação que a cópia sofreu ao longo do tempo e como a introdução do valor econômico da autoria, com o advento da burguesia e da

produção editorial deram *status* de patrimônio às ideias expressas em livros. Com a chegada da internet e das novas tecnologias, a facilidade da cópia transformou a autoria de textos uma questão ética. A fraude acadêmica é um de seus problemas mais visíveis. Esse quadro gera algumas perguntas críticas – está em crise a criatividade? Como educadores enfrentam esse desafio? Se a criatividade é uma potência humana, estamos preparados a inibirmos essa potência em troca da prática predatória da cópia?

Nessa mesma tônica, o Professor Ivo Domingues explora, no capítulo que assina, o tema específico da fraude acadêmica. Seus argumentos convocam a comunidade acadêmica a entender a seriedade do fenômeno considerando que esse é um problema educacional que afeta a toda a sociedade. Nessa lógica, a displicência de educadores no trato de atitudes fraudulentas na autoria de trabalhos acadêmicos, desde a prova avaliativa a textos mais densos assinalam a seus autores que a violação de regras é aceitável, dessa forma as repercussões da fraude acadêmica podem ter impactos sociais diversos e de dimensões impensáveis. O autor sugere uma organização acadêmica em que a motivação à criatividade seja valorizada e, ao mesmo tempo, a vigilância e punição à fraude sejam constantes, superando-se assim, o constrangimento que muitos educadores têm em confrontar seus estudantes com essa prática desvalorizadora do trabalho intelectual.

No artigo que Maria da Conceição Carvalho assina muitas inquietações e perguntas são elencadas. Com clareza, a autora mostra distorções que a escolarização da leitura trouxe ao próprio projeto de uma educação leitora, dentre elas a de levar uma criança a pensar que não estando na escola não tem direito ao livro, à leitura. A autora nos lembra que estamos longe de entender a leitura como um direito, a despeito de inúmeros projetos governamentais, de políticas que se instauram; a escola, a biblioteca, a academia nem sempre estão em sintonia com os seus próprios desejos. Perpassa a reflexão do artigo a crítica ao modismo também na leitura, os livros de autoajuda, os temas que se conclui sejam pertinentes aos jovens leitores como a droga, as relações afetivas, que de ação epidérmica,

abandonam o poder transgressor, crítico, criativo da literatura. Ao finalizar seus argumentos, a autora relata o encontro de um leitor com Dante Alighieri – um desafio e uma descoberta que modifica toda uma percepção de vida.

Os meios digitais têm inovado os modos de socialização e de ensinar e aprender. No artigo que Maria das Graças Pinto Coelho e Patrícia Gallo assinam, o tema volta a ser discutido ressaltando-se a necessidade de o currículo incorporar os novos dispositivos a uma prática pedagógica contemporânea. As autoras convidam educadores a explorarem o potencial de apropriação e criação de conhecimento que esses meios possibilitam e introduzem na reflexão o conceito de transmídia, que pode subsidiar o processo de ensino-aprendizagem de maneira significativa, incorporando a cultura que crianças e jovens já estão vivenciando. Articulado pela estrutura que atravessa vários meios, a transmídia exige uma postura inventiva que estimule e faça avançar a curiosidade epistemológica dos jovens e torne a escola mais próxima da vida tal qual é vivida. Esse é um desafio que demanda qualificação e sensibilidade de educadores e apresenta enorme potencial criativo a todos.

Angela Chuvas Naschold e Antonio Pereira Júnior assinam o capítulo de leitura e neurociências. O artigo discute a aquisição da leitura articulando as áreas da psicolinguística, da neurociência e da computação. A reflexão está fundamentada em projeto de pesquisa desenvolvido em escola pública do ensino fundamental de Natal, RN e financiado pelo Ministério da Educação. Um aspecto estimulante do estudo é aquele em que toma como referência a teoria da mente na leitura de ficção. De acordo com os autores, a leitura de ficção exige do leitor a participação da teoria da mente, em que o leitor projeta imaginariamente o que se passa na mente de personagens, o que lhe permite, por exemplo, sugerir um final diferente daquele apresentado por determinada história. Nesse processo, desenvolve-se, juntamente com o aprendizado da leitura, capacidade cognitiva imaginativa que é essencial para processos criativos.

No capítulo seguinte, César Quintão Fróes faz um levantamento de nomes da literatura universal e brasileira que

contribuíram com sua criatividade para o estabelecimento e valorização da literatura. O percurso escolhido pelo autor foi o de destacar referências em sua própria história de vida e de leitor sobre aspectos da cultura de leitura desenvolvida em nosso país. Nesse sentido, faz referências aos jornais e seus suplementos literários que animaram a cultura e o interesse pelo pensamento criativo como “O Suplemento Literário” de Minas Gerais que teve à frente o escritor Murilo Rubião um dos expoentes da literatura fantástica brasileira. Outros jornais também são lembrados como animadores da cena literária como o “Correio da Manhã”, “Jornal do Brasil”, “O Estado de São Paulo”. Ao fazer esse panorama, o autor se lembra da literatura para infância e a importante função da biblioteca como centro de cultura.

Amarildo Luiz Trevisan e seus coautores André de Oliveira Fagundes, Eliana Regina Fritzen Pedroso pontuam suas reflexões a partir da visão de que é preciso se antecipar às tragédias humanas. Em pesquisa sobre o Holocausto, o artigo lembra que na formação humanística do professor deve também se ter em mente a habilidade de *saber-expressar* e *saber-evitar*. Com essa referência, os autores assinalam os limites de uma visão história que não considera os desdobramentos dos fatos, das decisões, ou seja, que não vê, em perspectiva, as repercussões do que se vive na atualidade. Tomando como fundamento a filosofia da educação, o artigo é um alerta importante também no que se refere a uma educação da estética e da prevenção. Mostra de maneira contundente a relação intrínseca entre cultura, catástrofe e trauma. Nesse contexto, as artes, a literatura são campos de resistência, de alerta, de antecipação e conciliação com o projeto de sociedade e de educação que queremos cultivar e desenvolver.

Alexandre Lopes encerra esta coletânea com um artigo de caráter biográfico em que faz reflexões sobre quatro situações em que a leitura esteve em evidência. Em sua jornada de professor de crianças de educação infantil nos Estados Unidos, o autor rememora o aprendizado decorrente da quebra de estereótipos, da identidade de professor como aquele que ensina, e de professor - aquele que

acolhe as diferentes possibilidades de realização do ser humano. De maneira reflexiva, conciliadora e afetuosa, entre os impasses cotidianos da rotina escolar, o autor demonstra a necessidade de o professor estar integralmente envolvido com a cena educativa respeitando-se e respeitando as particularidades de seus estudantes. O encaminhamento do professor de crianças mostra o espaço para a incerteza, para a confiança na possibilidade de aprendizado de cada um de seus pequenos aprendizes. Uma leitura de encantamento e de olhar renovado sobre a experiência de ser professor, uma leitura desafiadora, criativa e formativa.

Com este conjunto de textos, que argumentam sobre os desafios e a criatividade na interface da educação e leitura, desejamos aos nossos leitores um encontro de arejamento e avanços no desenvolvimento de suas ações educacionais. Lembramos que a sofisticada tarefa de educadores em convergência com visão criativa dignifica nosso trabalho e fortalece nossa identidade. Inventar-se como docente é o fio que conduz as reflexões desta coletânea.

Marly Amarilha